

TIPOS TEXTUAIS E INTERTEXTUALIDADE GENÉRICA

Edna Pagliari BRUN – mestranda (UFMS)²
Maria Emília Borges DANIEL – orientadora (UFMS)

RESUMO. Este trabalho, que faz parte de uma pesquisa de mestrado, tem como objetivo contribuir para o esclarecimento de um equívoco recorrente, principalmente, nos livros didáticos: a confusão entre os conceitos de gênero textual e de tipo de texto. Para tanto, foi analisada uma publicidade da Gradiente, publicada na Revista Veja, na qual ocorre uma variedade de seqüências tipológicas e uma mescla de gêneros em que um gênero assume a função do outro para a construção de determinados efeitos de sentido. A análise foi feita de acordo com os pressupostos teóricos da lingüística textual.

ABSTRACT. This work, that is part of a master degree research, has as objective to contribute for the clarification of a recurrent mistake, mainly, in textbooks: the confusion among the concepts of textual genre and the type of text. For in such a way, an advertising of Gradiente, published in Veja Magazine, was analyzed, in which occurs a variety of tipologics sequences and a mixture of genres where a genre assumes the function of the other for the construction of determined sense effect. The analysis was made in accordance with the estimated theoreticians of the textual linguistic.

1. Introdução

Muito antes das teorias lingüístico-discursivas de Mikhail Bakhtin (século XX), o termo *gênero* já era bastante utilizado. Primeiro, na Antigüidade Clássica, pelo viés da Retórica e da Poética Aristotélica, que os estudava pelas suas especificidades jurídicas e políticas. Depois, apenas os gêneros literários eram estudados, segundo as distinções diferenciais entre eles, dividindo-os entre gêneros clássicos (lírico, épico, dramático) e modernos (romance, conto, novela, drama etc.). Nesses contextos, não se levava em conta a questão lingüística geral do enunciado e dos seus tipos. Somente com os estudos de Mikhail Bakhtin sobre discurso, isso passa a acontecer.

Dada a importância desses estudos, tanto para a Literatura quanto para a Lingüística, uma série de reflexões a respeito do tema é feita até hoje, inclusive pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), que preconizam o ensino de língua por meio dos gêneros textuais, segundo a noção bakhtiniana de gênero. Por isso, antes da nossa análise, faz-se necessária uma breve explanação sobre esse ponto de vista. Posteriormente, faremos alguns comentários teóricos a respeito da heterogeneidade de tipos textuais e da intertextualidade intergêneros, exemplificando-as com a análise de um anúncio publicitário.

2. A noção bakhtiniana de gênero

O teórico russo Mikhail Bakhtin dedicou-se aos estudos de linguagem e de literatura e foi o primeiro a usar a palavra *gênero* com um significado mais amplo, isto é, incluindo nessa designação também os textos empregados nas situações de comunicação do dia-a-dia, baseando-se em uma noção mais abrangente de discurso. Segundo ele, "o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos [...], em um determinado campo da atividade humana" e em "condições específicas e finalidades", portanto, o enunciado é definido como a "unidade da comunicação discursiva" (BAKHTIN, 2003, p. 261, 276).

O autor da *Estética da Criação Verbal* (obra em que destina um capítulo inteiro ao conceito de gênero) afirma, ainda, que os enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada um dos campos da atividade humana por meio do seu "conteúdo temático" (assuntos das diferentes atividades humanas), através do seu "estilo de linguagem" (seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua) e principalmente, por sua "construção composicional" (a estrutura textual e as relações instituídas entre os parceiros da comunicação). Esses três elementos (tema, estilo e estrutura) estão "indissolivelmente ligados no todo do enunciado" de um determinado campo de utilização da língua, logo, cada um desses

² edna_pb@ibest.com.br ; mariaemi@nin.com.br

campos "elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados", os quais Bakhtin denominou "gêneros do discurso" (BAKHTIN, 2003, p. 261- 262).

Já que são inúmeros os campos de atividades humanas, a riqueza e a diversidade dos gêneros são consideradas inesgotáveis, inclusive, pela capacidade que eles têm de se ampliar a partir de tipos mais estáveis, quer dizer, eles não são inovações absolutas, mas se ancoram em outros gêneros já existentes. Por conseguinte, vão de um simples diálogo às manifestações lingüísticas mais complexas, como as literárias (contos, poemas, romances etc.) e as científicas (dissertações, teses etc.), passam pelos relatos familiares (cartas, bilhetes etc.) até as formas mais padronizadas dos documentos oficiais (relatórios, atas, ordens militares etc.).

Dada a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos, Bakhtin (2003, p. 263) distingue os gêneros "primários", advindos da comunicação verbal espontânea e, por isso, mais simples, e os gêneros "secundários", oriundos de situações de "comunicação cultural mais complexa, mais desenvolvida e mais organizada". São gêneros predominantemente escritos (como os dramas, os romances, as pesquisas científicas, os grandes gêneros publicitários etc.), formados a partir da incorporação e da reelaboração dos gêneros "primários".

Devido a essa diversidade de formas dos gêneros, eles são caracterizados muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas distinções lingüísticas e estruturais. Isso esclareceria por que, mesmo não sabendo explicar o conceito de gêneros, os usuários são capazes de reconhecê-los e operar com eles de forma produtiva. Nas palavras de Bakhtin (2003, p. 283), os gêneros são responsáveis por organizar

[...] o nosso discurso quase da mesma forma que o organizam as formas gramaticais (sintáticas). Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo da fala.

A opinião do teórico mostra que, quando os falantes estão numa situação de comunicação, a escolha do gênero não é completamente espontânea, pois leva em conta um conjunto de coerções (regularidades ou restrições) dadas pela própria situação de interação verbal: quem fala, sobre o que fala, com quem fala, com qual finalidade. Esses elementos acabam por condicionar as escolhas do locutor que, tendo ou não consciência, termina fazendo uso do gênero mais adequado àquela situação. Por exemplo, se desejamos contar a alguém uma experiência vivida, utilizamos um relato pessoal; se precisamos fazer um pedido a algum órgão público, utilizamos um requerimento ou uma petição; se queremos fazer uma exposição oral a respeito de determinado conhecimento científico, fazemos uso de um seminário ou de uma conferência; e assim por diante.

Feitas essas breves considerações sobre a noção de gênero conforme as teorias bakhtinianas, passemos ao foco da nossa análise: os tipos de texto e os gêneros textuais.

3. O tipo e o gênero

Embora falar sobre gêneros textuais possa ser considerado *caminhar por um terreno pantanoso*, por conta da instabilidade do próprio conceito de gênero, conforme já enfatizamos, um grande número de reflexões teóricas e publicações é feito até hoje sobre o tema, o que demonstra a sua relevância no cenário dos estudos da linguagem.

Um dos elementos que compõem esse *pântano* é a confusão que se faz entre os conceitos de tipo de texto e de gênero textual. Teoricamente, são conceitos que não se confundem:

[...] para a noção de *tipo textual* predomina a identificação de *seqüências lingüísticas típicas* como norteadoras; já para a noção de gênero textual, predominam os critérios de *ação prática, circulação sócio-histórica, funcionalidade, conteúdo temático, estilo e composicionalidade* [...]. (MARCUSCHI, 2005, p. 24; ênfase no original)

Com efeito, a lingüística textual considera como sendo gêneros as "realizações lingüísticas concretas definidas por propriedades sociocomunicativas; textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas". E os "constructos teóricos definidos por propriedades lingüísticas intrínsecas;

seqüências lingüísticas ou seqüências de enunciados", tipos (MARCUSCHI, 2002, p. 23). Dessa forma, sob a rubrica *gênero* estão todos os textos concebidos socialmente nas mais diversas comunidades lingüísticas, conseqüentemente, em número ilimitado, por exemplo: um telefonema, uma ata de reunião, um romance, uma mensagem de celular, um anúncio publicitário, um livro didático, uma carta, um editorial de jornal, uma bula de remédio, uma conta de telefone, um registro de nascimento, uma resenha etc.

Todos esses textos que nomeamos no dia-a-dia e que circulam socialmente possuem uma estrutura pré-definida composta por um ou mais tipos de textos (nesse último caso, com a predominância de um deles) entendidos como seqüências tipológicas que, diferentemente dos gêneros, são em número limitado: narrativa, descritiva, argumentativa, injuntiva e expositiva².

Porém, na prática, afirma Marcuschi (2002, p. 25), "em geral, a expressão 'tipo textual', muito usada nos livros didáticos e no nosso dia-a-dia, é *equivocadamente* (ênfase acrescida) empregada e não designa um tipo, mas sim um *gênero de texto* (ênfase do autor)"; isto é, os livros didáticos utilizam gêneros como se fossem tipos e não ensinam o gênero, mas somente os tipos. Ainda, conforme Mari e Silveira (2004, p. 63), "se os tipos textuais ou discursivos constituem um aspecto essencial na compreensão do gênero, é preciso mostrar como é que devemos combinar tipos na percepção de um gênero – já que pela diversificação tipológica desse último, não podemos criar uma correspondência direta tipo/gênero [...]".

Considerando o texto como a materialização do discurso, quando se fala em gêneros textuais, eles são tomados como fenômenos históricos profundamente vinculados à vida social e cultural. Assim sendo, os gêneros surgem da necessidade da comunicação humana e organizam as ações comunicativas do cotidiano. Em outras palavras, os gêneros textuais originam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem, são, dessa maneira, práticas sociodiscursivas. Já os tipos textuais compõem os gêneros estruturalmente e auxiliam a sua concretização.

No quadro abaixo, é possível observar as características que diferenciam tipo e gênero.

Quadro 1. Resumo das características de tipos textuais e gêneros textuais

Tipos textuais	Gêneros textuais
1. <u>constructos</u> teóricos definidos por propriedades lingüísticas intrínsecas;	1. <u>realizações lingüísticas concretas</u> definidas por propriedades sóciodiscursivas;
2. constituem seqüências lingüísticas ou seqüências de enunciados no <u>interior</u> dos gêneros e não são textos empíricos;	2. constituem textos <u>empiricamente realizados</u> cumprindo funções em situações comunicativas;
3. sua nomeação abrange um conjunto <u>limitado</u> de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal;	3. sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente <u>ilimitado</u> de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;
4. designações teóricas dos tipos (Werlich, 1973): - <u>descritivo</u> (enunciado de estrutura simples, verbo estático no presente), - <u>narrativo</u> (enunciado de ação, verbo de mudança no passado, referência temporal e espacial), - <u>expositivo</u> (exposição sintética pelo processo de composição; exposição analítica pelo processo de decomposição, relação parte-todo), - <u>argumentativo</u> (enunciado de atribuição de qualidade, juízo de valor, verbo ser no presente), e - <u>injuntivo</u> (enunciado incitador de ação, verbo no imperativo, uso do modalizador <i>deve</i>).	4. exemplos de gêneros: anúncio publicitário, bula de remédio, receita culinária, seminário, aula expositiva, reunião de condomínio, piada, carta, simpósio, cardápio, noticiário de TV, edital de concurso, romance, resenha, catálogo telefônico, horóscopo, ordem militar, crônica, lista de compras, atestado, instruções de uso, <i>chat</i> , conversação espontânea, <i>e-mail</i> , boleto bancário, <i>outdoor</i> , <i>orkut</i> , inquérito policial, bilhete, telefonema, relatório, fichamento, relato, cartão postal, memorando, certificado, atestado médico, editorial, certidão de casamento, requerimento, monografia, resumo, etc.

² Sugestão de classificação tipológica proposta por Werlich (1973) citado por Marcuschi (2005, p. 26-28).

3.1. A heterogeneidade do tipo

Um estudo de Dick (1999) sobre tipologia de texto revela que, classicamente, os três tipos de composição escrita eram descrição, narração e dissertação. Já nos anos de 1970, os manuais de redação os reduziram para narração e dissertação. Em 1981, as mensagens passaram a ser classificadas de acordo com as funções romanjakobsonianas da linguagem, era a classificação comunicacional proposta por Vayone: referencial, expressiva, conativa, fática, metalingüística e poética. No ano de 1987, surgem os estudos lingüísticos de Jean-Michel Adam que procedia a uma tipificação dos textos baseada em "estruturas seqüenciais", sendo elas: a narrativa, a injuntivo-instrucional, a descritiva, a argumentativa, a explicativo-expositiva, a dialogal-conversacional e a poético-autotélica. Em 1992, o autor faz uma revisão dessa tipologia e a reduz para: narrativa, descritiva, explicativa, argumentativa e dialogal. Um ano antes, Travaglia propõe os tipos descritivo, narrativo, dissertativo, injuntivo, argumentativo e preditivo. Segundo ele, "temos, dentro dos estudos sobre tipologia, uma infinidade de *tipologias* criadas e propostas para diferentes fins de análise e/ou de uso prático. A proposição de uma tipologia se faz sempre em função de um objetivo de análise e/ou trabalho e da natureza do material textual que temos e é construída com base em um critério ou alguns critérios conjugados" (TRAVAGLIA, 2002, p. 204; ênfase no original).

Werlich (1973) propôs uma tipologia semelhante à que Adam iria propor em 1987, apoiada em "categorias conceituais ligadas ao espaço (descrição), ao tempo (narração), à análise e síntese de representações conceituais (exposição), à tomada de posição (argumentação) e à previsão de comportamento (instrução)" (DICK, 1999, p. 42).

Optamos, para a análise a que nos propusemos, pela tipologia estabelecida por Werlich por contemplar, ao mesmo tempo, a perspectiva do produtor do texto em relação ao objeto do dizer quanto ao fazer/acontecer ou quanto ao conhecer/saber e sua inserção no tempo e/ou espaço ou não, marcada pelos tipos descritivo, narrativo, expositivo, injuntivo, e a perspectiva do produtor do texto dada pela imagem que ele faz do receptor como alguém que concorda ou não com o que ele diz, apontada no tipo argumentativo.

A heterogeneidade dos tipos está presente nos diversos gêneros, que realizam bases tipológicas diversas, estando umas em relação com as outras.

3.2. A intertextualidade intergêneros

Retomando a teoria bakhtiniana, os gêneros são, conforme já mencionamos, "tipos *relativamente estáveis* de enunciados [...]" (BAKHTIN, 2003, p. 262; ênfase acrescida). Isto é, para além das regularidades que os caracterizam e que permitem aos usuários reconhecê-los e operar com eles, os gêneros são também suscetíveis a transgressões, ou, por outra, a quebras ou desvios no conjunto de suas regularidades ou restrições, através da mescla de um gênero com outro (resultando numa quebra de expectativa), pois, como entidades sociodiscursivas e formas de ação social, os gêneros não são "instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa" do sujeito falante (MARCUSCHI, 2005, p. 19).

Nesse ponto, em que Bakhtin atesta uma certa estabilidade nas produções verbais dos falantes, mas também afirma que elas acompanham a dinamicidade da fala, há, com efeito, um aparente paradoxo: ao mesmo tempo em que independem de decisões individuais e não são facilmente manipuláveis (já que se prendem a um conjunto mais ou menos estável de regularidades, operando como geradores de expectativas de compreensão mútuas), os gêneros estão sujeitos à liberdade de que o falante dispõe para trabalhar com eles (inclusive transgredindo-os), a fim de obter determinados efeitos de sentido (resultado da interação discursiva entre interlocutores em determinada situação de comunicação). Em suma, os gêneros "são fenômenos, acima de tudo, maleáveis e dinâmicos que surgem, modificam-se e mesmo desaparecem, em função das necessidades e das atividades presentes numa dada sociedade" (LARA, 2005, p. 3).

Essa procura pelos efeitos de sentido ou pelo sucesso na comunicação faz com que a diversidade de gêneros textuais seja muito grande. Há toda uma série deles amplamente difundidos no cotidiano, porém, há os que são de tal forma padronizados que o falante não pode intervir, somente manifestar a sua escolha (ex. ficha administrativa, correspondência comercial etc.). Paralelamente a esses gêneros padronizados, existem os que são mais livres e mais criativos (ex. música, publicidade etc.), a maioria dos quais "se presta a uma reformulação livre e criadora"³ (BAKHTIN, 2003, p. 284).

³ Sob essa perspectiva, Maingueneau (2004, p. 50-53) propõe quatro modos de genericidade instituída, que vão do mais padronizado ao mais criativo. No modo I, situam-se gêneros instituídos que não estão (ou estão pouco) sujeitos à variação. Entre eles estão o catálogo telefônico, registros de cartório, fichas administrativas etc. O modo II inclui gêneros que seguem um conjunto de regularidades, porém, toleram desvios, por exemplo, um programa político-eleitoral em forma de carta ou um guia de viagens

Da mesma forma como é difícil decidir sobre os limites entre um e outro gênero ou sobre classificá-los, mesmo partindo de suas características funcionais e estruturais ou do suporte (ambiente) em que aparecem, também é difícil abordar a questão do desvio ou transgressão. O que é possível admitir é que os usuários, da mesma maneira como são capazes de operar de forma produtiva com os diversos gêneros que circulam socialmente, são capazes de perceber as mudanças e as "quebras de expectativas" que os afetam (MARI; SILVEIRA, 2004, p. 65).

A essas transgressões, caracterizadas por uma hibridização ou mescla de funções e formas de gêneros diversos num dado gênero, em que um assume a função ou a forma de outro (por exemplo, um anúncio publicitário com a forma de uma carta), Marcuschi, inspirado em Ursula Fix, chama de "intertextualidade intergêneros". O autor esclarece ainda que o aspecto que designará esse gênero híbrido é, basicamente, o seu propósito (função, intenção, interesse) e não a forma, visto que a noção de gênero textual privilegia a natureza funcional e interativa e não o aspecto formal e estrutural, pois o "predomínio da função supera a forma na determinação do gênero" (MARCUSCHI, 2005, p. 22, 24 e 31).

Feitas essas considerações, passaremos à análise do anúncio publicitário de um aparelho multimídia Gradiente em que ocorrem diversidade de tipos textuais e intertextualidade genérica.

4. A análise

O texto escolhido, a propaganda do aparelho multimídia – o computador *OZ Gradiente* – faz parte de um anúncio publicitário de 14 páginas – 6 duplas e 2 simples – feito para divulgar os principais produtos da Gradiente no Natal de 2002. O anúncio foi veiculado em 18 de dezembro na Revista *Veja* e, posteriormente, utilizado como exercício sobre variedades lingüísticas pelo livro didático *Gramática reflexiva: texto, semântica e interação*, da *Editora Atual*. Conforme observado, o anúncio possui a forma de uma carta pessoal (trata-se de uma carta escrita por um jovem/adolescente⁴ ao Papai Noel).

No quadro abaixo, pode-se perceber a variedade de tipos textuais ou seqüências tipológicas que estruturam o texto lingüisticamente.

Quadro 2. Seqüências tipológicas presentes no texto analisado

Seqüências tipológicas	Carta pessoal
Injuntiva	Olá, Papai Noel :)
Argumentativa	Em primeiro lugar já está mais do que na hora de vc ter um e-mail. Não existe nada mais antigo que mandar uma carta.
Expositiva	Mas, vamos lá: estou precisando de um upgrade no meu home-office. Por isso, neste Natal eu quero um OZ Gradiente.
Argumentativa	Talvez uma pessoa que nem website tem não saiba o que é isso.
Descritiva	OZ é DVD, TV, CD, MP3, FM, internet e computador ao mesmo tempo.
Injuntiva	Na verdade o senhor devia me agradecer.
Argumentativa	Imagina se eu tivesse pedido tudo isso separado, o peso que seria no seu saco.
Injuntiva	Tks, _____.

A forma composicional é uma das balizas dos gêneros. Em geral, o gênero epistolar tem uma forma de composição, iniciada pela explicitação do local e da data do ato da enunciação (no texto analisado, essa parte é omitida, porém, mesmo assim, ele continua sendo uma carta), a seguir a explicitação do destinatário-narratário, presente no vocativo de abertura, a exposição do tema (outra das balizas dos gêneros) da carta e a assinatura do narrador encerrando o texto. É comum a carta pessoal apresentar uma variedade de seqüências tipológicas, sendo predominantes a descritiva, cujo efeito é o de fazer o destinatário ver em pormenor os elementos do objeto do discurso, e a expositiva, que objetiva fazer-saber a relação que o narrador tem com o objeto do discurso. Contrariamente, no texto analisado, o predomínio é de seqüências injuntivas e argumentativas. As injunções são enunciados que chamam a atenção do destinatário e o mobilizam a praticar uma ação. As argumentações expõem um ponto de vista e tentam convencer o destinatário a concordar com essa visão.

apresentado como uma conversa entre amigos. O modo III implica gêneros que instigam a inovação, como publicidades, músicas e programas de TV. Por último, no modo IV, encontram-se os gêneros propriamente autorais, os literários.

⁴ É possível chegar a essa conclusão observando as marcas da linguagem empregadas e o assunto focalizado no anúncio: linguagem informal e descontraída, assunto de interesse dessa faixa etária, assim como a utilização do *emoticon*, ou seja, uma forma natural de expressar sentimentos, utilizando apenas os caracteres do teclado, que configuram uma carinha sorridente [:)] ao lado da saudação e do vocativo, o que produz um efeito de sentido de alegria.

Essa predominância no texto em questão, explica-se pelo fato de ele ser, conforme já dissemos, um anúncio publicitário (sob a *forma* de uma carta), pois, a proposta da publicidade, além de valorizar a marca em questão e estabelecer conceitos, tem como coerção genérica o dever-vender determinado produto (ou idéia) para determinado consumidor em um determinado tempo e num dado espaço. Para isso, "na publicidade, o leitor é exacerbadamente seduzido, tentado, provocado, intimidado, com a finalidade específica de ser convencido a consumir" (DISCINI, 2005, p. 364), portanto, nada mais apropriado do que a utilização de injunções e argumentações.

Investigando as marcas da enunciação, temos um "eu" (o adolescente) – marcado no discurso pelos pronomes pessoais (*eu, me*) e possessivo (*meu*), pela desinência número-pessoal dos verbos (*estou, quero*) – que se comunica com um "tu" (o Papai Noel) – distinguido pelos traços lingüísticos dos pronomes de tratamento (*vc, senhor*) e possessivo (*seu*), verbo no imperativo (*imagine*) e o vocativo de abertura (*Papai Noel*). Isso quer dizer que há um enunciador-narrador em primeira pessoa que se dirige a um enunciatário-narratário. Significa que o primeiro se apropria da língua com a "intenção de influenciar o outro de alguma maneira" (KOCH, 2003, p. 13). Projeta-se na carta, o simulacro de conversa sob a modalidade escrita: estabelece-se assim um *clima* de descontração comum nas relações familiares, o que fortalece o efeito de subjetividade.

Os verbos no presente do indicativo permitem afirmar que o texto está no plano de enunciação do discurso (Benveniste) ou no mundo comentado (Weinrich) e "comentar é falar comprometidamente" (WEINRICH, apud KOCH, 2002, p. 36), o que confirma o engajamento, o comprometimento do enunciador-narrador (o adolescente que deseja ganhar o presente) com o seu discurso.

O texto analisado é um exemplo de transgressão de gêneros – ou de intertextualidade intergêneros⁵ – visto que temos um gênero funcional (anúncio publicitário) com o formato de outro (uma carta pessoal). Trata-se, como já observamos, de desenquadrar o produto (um computador) do seu enquadre normal, para, sob uma nova ótica, levar o leitor a distingui-lo, de forma mais nítida, no universo de oferta de produtos que nos cercam no dia-a-dia.

A escolha do gênero transgressor (carta) não é aleatória: o suporte – uma revista que aborda assuntos como política, economia, entre outros (*Veja*) – pressupõe um público preferencialmente instruído e economicamente privilegiado. A escolha inusitada por uma propaganda divertida, que trabalha com o lúdico⁶, o irreverente, o bom humor, o *humano* (observe que, em uma revista cujo *tom* característico é mais sério, sisudo, circunspeto, esse efeito provoca uma quebra de expectativas, surpreende o leitor dando-lhe um momento de *descanso*, como um intervalo na sua leitura de assuntos mais sérios, portanto, mais tensos), torna a propaganda ainda mais agradável ao leitor. Como analisamos, a carta tem um tom familiar, subjetivo, de proximidade. É essa a imagem que o enunciador da publicidade, a Gradiente, deseja que o seu enunciatário (os leitores de *Veja*, potenciais consumidores do produto anunciado, uma vez que os leitores dessa revista são de uma classe socioeconômica privilegiada) tenha dele. Quer demonstrar que, apesar do assunto tratado ser o moderno, o prático presente na tecnologia representada por uma máquina, ele não deixou de ser emotivo e até divertido, visto o tom bem humorado do anúncio (o destinatário da carta é o *Papai Noel!*).

A idéia de transgressão (ou de intertextualidade intergêneros) passa, como já foi esclarecido, por uma "quebra de expectativa" ou pela ruptura (desvio, deslocamento) de algum componente do conjunto de restrições – ou de regularidades – inerentes a um dado gênero. O texto analisado, embora preservando a função do gênero publicidade, infringe uma das suas restrições: a forma ou a configuração textual.

Outrossim, a subversão da ordem genérica instituída, dando ao produto à venda um novo enfoque, pretende seduzir um leitor mais exigente (ou até mais culto, como os leitores de *Veja*), que seja capaz de reconhecer no gênero transgressor (carta) o gênero transgredido (o anúncio publicitário), uma vez que a maior parte do conjunto de coerções do gênero transgredido foi mantida (o dever-vender determinado produto, ou melhor, o conceito investido nele para determinado consumidor em determinado tempo e num dado espaço, o caráter de persuasão, a descrição do produto e suas qualidades, as estratégias para convencer o enunciatário de que, se ele consumir, estará agindo para o seu próprio bem). A própria intertextualidade de gêneros torna-se, portanto, "uma estratégia ou manobra argumentativa num discurso que (sobre)vive do seu

⁵ A mídia em geral, como um dos grandes suportes tecnológicos de comunicação e por ocupar um lugar marcante e central nas atividades comunicativas da realidade social, veicula gêneros "mais plásticos e maleáveis" (na classificação de Maingueneau - vide nota 3 - são os que pertencem ao Modo III, aqueles que instigam a inovação), portanto, propicia a hibridização de gêneros.

⁶ No texto publicado na revista *Veja*, há uma marca de picote (tracejado) do lado direito da página para o leitor recortar e uma linha destinada a sua assinatura (vide ANEXO), para ele brincar de mandar carta para o Papai Noel. Essa brincadeira produz um efeito de sentido de encantamento no leitor.

poder de interpelar e influenciar o outro (leitor/espectador), como é o caso do discurso da propaganda⁷ (LARA, 2005, p.8).

5. O gênero e o ensino

O manual de ensino citado utilizou o texto analisado para uma compreensão sobre variedades lingüísticas, o que também é relevante, porém, a única menção a respeito de gênero se fez da seguinte forma: "Leia este anúncio: [...] a) O anúncio apresenta uma estrutura semelhante à de um *tipo de texto* muito usado em correspondências. Qual é esse *tipo de texto*?" (CEREJA; MAGALHÃES, 2005, p. 26; sem ênfase no original).

Portanto, passados aproximadamente dez anos da elaboração e publicação dos PCN os quais preconizam que "a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino" (1998, p. 23), ainda percebemos, nas questões propostas em livros didáticos em geral⁸, certo esvaziamento da noção de gênero. Provavelmente, tal esvaziamento se deva também à confusão que se faz entre os conceitos de tipo e de gênero, e à falta de articulação entre eles.

No contexto escolar, a conseqüência dessa confusão pode ser a anulação do conceito de gênero de sua característica sociocultural, historicamente constituída, importante na socialização do aluno pela linguagem escrita, ficando ainda o ensino dos gêneros limitado aos seus aspectos estruturais. Desse modo, a transposição da noção de gênero para a escola seria inválida.

6. Considerações Finais

Longe da pretensão de uma análise exaustiva do gênero enfocado, ou das teorias referidas, este artigo pretendeu contribuir com alguns esclarecimentos conceituais que acreditamos sejam relevantes para um melhor aproveitamento no ensino de Língua Portuguesa com gêneros. Optamos somente pelo aspecto da enunciação devido ao espaço de que dispúnhamos para a análise e por crer que recorrer à enunciação seja uma das principais estratégias utilizadas para a produção dos efeitos de sentido e objetivos do produtor do texto, demonstrando assim que quando pensamos em um modo de atuação sociodiscursiva numa cultura, estamos nos propondo a operar com gêneros, isto é, fazendo "uma seleção *tática* de ferramentas adequadas a algum *objetivo*" (BHATIA apud MARCUSCHI, 2006, p. 25; ênfase nossa).

Por isso, entendemos que o ensino da língua deva passar pelo ensino dos gêneros discursivos ou textuais, contudo, torna-se importante trabalhar com eles de maneira a proporcionar ao aluno mais do que o aprendizado de sua estrutura formal, mas como um meio de ação em sociedade, visto que os gêneros, conforme postula Marcuschi (2006, p. 24), também "são formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas na linguagem".

7. Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL/SEB. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental - Língua Portuguesa*. Brasília: MEC, 1998.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Gramática reflexiva: texto, semântica e interação*. 2. ed. São Paulo: Atual, 2005.

DICK, L. *A construção da identidade na redação escolar*. São Leopoldo: Unisinos, 1999.

DISCINI, N. *Comunicação nos textos: leitura, produção, exercícios*. São Paulo: Contexto, 2005.

GRADIENTE, tudo o que você quer neste Natal. Neogama/BBH. Publicidade. In: *Revista Veja*, São Paulo, ano 35, n. 50, p. 59-72, 18 dez. 2002.

⁷ Para esta análise, tomamos propaganda como sinônimo de publicidade.

⁸ Nossa pesquisa de mestrado (que ainda está se iniciando) tem como foco os livros didáticos do ensino médio editados após a publicação dos PCN e apóia-se nas avaliações do MEC divulgadas no catálogo do Programa Nacional do Livro de Ensino Médio (PNLEM/2006).

KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. 7. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *A inter-ação pela linguagem*. 8. ed. rev. e ampl. São Paulo: Contexto, 2003.

LARA, G. M. P. *Mídia, gêneros do discurso e transgressão*. Revista *Caligrama*, Belo Horizonte: FALE/UFMG, dez. 2005/jan. 2006.

MAINGUENEAU, D. Diversidade dos gêneros de discurso. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. de. (Orgs.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/POSLIN/FALE-UFMG, 2004.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDESCZKA, B.; e BRITO, K. S. (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

MARI, H.; SILVEIRA, J. C. C. Sobre a importância dos gêneros discursivos. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. de. (Orgs.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/POSLIN/FALE-UFMG, 2004.

TRAVAGLIA, L. C. Tipos, gêneros e subtipos textuais e o ensino de língua materna. In: BASTOS, N. B. (Org.). *Língua portuguesa: uma visão em mosaico*. São Paulo: IP-PUC-SP/EDUC, 2002.

8. Anexo

